

## Voltar à “normalidade”?! Vejamos antes o que queremos

Os parênteses vermelhos – [ ] – marcam algumas partes que foram omitidas na sessão da tertúlia para não exceder mais o tempo combinado para a intervenção.

Boa noite. Desta vez não começo como é costume, por agradecer o convite para estar aqui, como é óbvio, além de que eu preferia ter podido esquivar-me, mas... não tive arte para isso.

Começo com uma referência à *Laudato Si'*, que diz porque vale a pena propormo-nos esta conversa:

*Sabemos que as coisas podem mudar. O Criador não nos abandona, nunca recua no seu projecto de amor, nem Se arrepende de nos ter criado. A humanidade possui ainda a capacidade de colaborar na construção da nossa casa comum. (§13)*

Voltar à normalidade talvez não seja mau se se refere a aligeirar o confinamento a que nos submetemos, ainda que tenhamos de nos habituar a algumas restrições ao retomar o convívio social. Mas pensando na sociedade em que vivemos, vêm-me logo à ideia aspectos que eu qualificaria de “anormais”, na acepção usada pelos mais novos quando se zangam entre si: “És tão anormal!”

Mais assertiva, diria que são “inaceitáveis”, para dizer o mínimo, e daí crescem até ao escândalo, ao chocante:

– Que dizer de uma economia que torna mais ricos os ricos, que são cada vez menos, e empobrece os mais pobres, que são cada vez mais? Com a agravante de que estes últimos não têm acesso ao mínimo indispensável à sobrevivência, e condizente com a sua dignidade humana, de filhos de Deus.

É algo que se observa olhando os países internamente, mas também globalmente. E recorro de novo à *Laudato Si'* (§52):

*A dívida externa dos países pobres transformou-se num instrumento de controle, mas não se dá o mesmo com a dívida ecológica. De várias maneiras os povos em vias de desenvolvimento, onde se encontram as reservas mais importantes da biosfera, continuam a alimentar o progresso dos países mais ricos à custa do seu presente e do seu futuro. [...] É preciso revigorar a consciência de que somos uma única família humana. Não há fronteiras nem barreiras políticas ou sociais que permitam isolar-nos e, por isso mesmo, também não há espaço para a globalização da indiferença.*

Isto traz-me à ideia o princípio do destino universal dos bens, que é um elemento estruturante do meu pensamento, faz parte da minha síntese de fé.

Às vezes, há notícias que me fazem pensar, porque me deixam a sensação de incongruências. Por exemplo, discute-se sistematicamente os pequenos aumentos do

salário mínimo, ou mesmo o RSI e as malvadezas dos beneficiários, mas pouco se reage, talvez com um encolher dos ombros, perante a inevitabilidade dos vencimentos milionários, e bónus e demais extras, que se poderão qualificar de “obscenos”, não é? Esta é uma primeira questão que deixo em aberto para a conversa que se seguirá, pois não falo tanto por ter respostas como por ter interrogações e perplexidades.

Vem a talhe de foice uma outra referência ao texto da encíclica LS:

*O ambiente humano e o ambiente natural degradam-se em conjunto; e não podemos enfrentar adequadamente a degradação ambiental, se não prestarmos atenção às causas que têm a ver com a degradação humana e social. (§48)*

A dúvida importuna aqui é se a degradação ambiental, que não pára de se expandir e intensificar pela acção de uns quantos e em seu proveito ou dos seus amigos/aliados, se deve a que as decisões são tomadas por quem não é pessoa de bem e detém o poder para o fazer. E dessa acção predadora resulta com frequência, o agravamento das condições de vida de populações inteiras, a degradação social.

[Outra questão que tem um efeito bastante nocivo e que fragiliza a coesão social é o **elitismo** que faz tremendas acepções de pessoas, guardando privilégios para uns quantos, que assumem que os merecem porque sim. Mesmo quando se enuncia que somos todos iguais, procede-se afinal segundo o preconceito de que “alguns são mais iguais do que outros”, como diria George Orwell. Mas parece-me que, assim, se geram mecanismos de exclusão, fecham-se horizontes de futuro para grupos significativos dos nossos concidadãos. Vejo isto como uma questão séria porque a considero entre as causas menos reconhecidas de certas marginalidades e formas de violência, que poucas vezes são encaradas na esfera pública como algo de que nos cabe “cuidar”, sendo tais fenómenos olhados no âmbito da criminalidade, com que não temos nada a ver. ]

Ocorrem-me mais uns tantos problemas sociais graves que apenas menciono, mas não vou desenvolver porque me levaria a estender-me de mais. Só a menção creio que deixará um certo mal-estar nos que nos incluímos entre os privilegiados deste mundo, aliado muitas vezes à sensação de impotência, o que não quer dizer, ou não deve, que cruzemos os braços ou nos amordacemos. Fica também para a conversa ou para deixar a inquietação.

Refiro-me às seguintes questões:

- a pobreza persistente;
- cada vez mais excluídos, o que se aplica às mais diversas situações;
- refugiados e migrantes, vistos antes de mais como indesejados;
- idosos, agora “arrumados” num grupo olhado com condescendência;

[cfr. “Carta aberta e esperançosa às gerações mais velhas”, de Tiago Rodrigues, *DN*, 2maio20 (<https://www.dn.pt/edicao-do-dia/02-mai-2020/carta-aberta-e-esperancosa-as->

[geracoes-mais-velhas-12143870.html](http://geracoes-mais-velhas-12143870.html)); “Os ‘nossos idosos’”, de Esther Mucznik, *Público*, 14maio20]]

[– a corrupção, que tem efeitos devastadores na economia, que mina a credibilidade das instituições e a confiança e bom relacionamento que devia resultar de vermos uns nos outros boa-fé; ]

– etc.

Mas surgiram nos últimos tempos as mais diversas manifestações de pessoas e grupos com um pensamento estruturado e que nos podem ajudar a discernir sobre a segunda parte do meu título que é uma proposta: **Vejamos antes o que queremos**

Refiro alguns textos [que me ajudam a alimentar a esperança de que o muito que há a mudar é possível, que se trata de unir esforços para enfrentar as dificuldades que se prevêm, norteados pela solidariedade fraterna, empenhando-nos em alcançar condições mais acolhedoras para todos os habitantes da casa comum, pois a dávida da criação foi destinada a todos.] Os textos a que me refiro vão ser apresentados, com links para aceder aos mesmos, no site da Casa Comum – <https://casacomum.pt/> – nos próximos dias.

### ► **Leonardo Boff**

« [...] utopias. São elas que nos movem na direção do futuro, incorporando o passado, mas **fazendo a própria pegada no chão da vida.**»

«Ao famoso TINA (There is no alternative), “não há outra alternativa” da cultura do capital, devemos contrapor outra TINA (There is **a new alternative**) “há uma nova alternativa”.»

[<http://www.ihu.unisinos.br/598613-voltar-a-normalidade-e-auto-condenar-se>]

### ► **100 princípios fundadores de um mundo pós-covid-19**

A **Fundação Nicolas Hulot** lançou um site na quarta-feira, 6 de maio, com os 100 princípios fundadores de um mundo pós-covid-19. Vale a pena lê-los e meditá-los O texto foi publicado pelo *Le Monde*.

[Nicolas Hulot, ativista ambiental e ex-ministro da Transição Ecológica e Solidária, do governo de Emmanuel Macron]

[<http://www.ihu.unisinos.br/598712-os-100-principios-de-nicolas-hulot-para-um-novo-mundo>; e também <https://setemargens.com/semana-laudato-si-7-100-principios-para-um-novo-mundo-novos-ceus-nova-terra-e-nova-responsabilidade-2/>]

► **Cáritas portuguesa**: propõe **estilos de vida** sóbrios, mudanças de comportamento

[<https://agencia.ecclesia.pt/portal/caritas-semana-laudato-si-e-um-compromisso-renovado-para-ouvir-o-clamor-dos-pobres-e-da-terra/>]

► **Cáritas Europa**: insiste num **rendimento mínimo**,

juntamente com apoios na saúde, na habitação e na educação,  
incluindo para as minorias étnicas e religiosas e os refugiados.

[<https://setemargens.com/caritas-europa-pede-um-rendimento-minimo-para-os-mais-pobres-em-toda-a-ue/>]

► **Manifesto** de dezenas de organizações e individualidades, entre as quais a Fundação Gonçalo da Silveira, membro da rede CCC. Reclamam

«[...]um modelo de recuperação baseado em princípios sociais e de sustentabilidade, que assegurem uma economia climaticamente neutra, que protege e restaura a natureza, a saúde e o bem-estar das pessoas, sem deixar ninguém para trás.»

Têm como referências: Pacto Ecológico Europeu; Acordo de Paris; ODS

«com vista a uma sociedade e economia mais resilientes e inclusivas no futuro»

[<https://pontosj.pt/2020/04/21/manifesto-por-uma-recuperacao-economica-justa-e-sustentavel/>]

► **170 académicos holandeses** escreveram um manifesto em cinco pontos para a mudança económica pós-crise da covid-19, baseado nos princípios do **decrescimento**:

[<http://www.ihu.unisinos.br/598464-holandeses-avancam-no-cenario-pos-pandemia-e-propoem-um-modelo-economico-baseado-no-decrescimento>]

► **Muhammad Yunus**

«Estávamos literalmente contando os dias até o planeta inteiro se tornar inabitável devido à catástrofe climática»;

«a **economia** é uma ferramenta para objetivos que nós mesmos estabelecemos. [...] Nunca devemos esquecer, nem por um instante, que a economia é um instrumento criado por nós, homens. Portanto, devemos continuar a projetá-lo e **reconfigurá-lo até que nos deixe a todos felizes**»;

«uma nova consciência social e ambiental no centro de todas as decisões e todos os processos políticos de tomada de decisão»;

**NRP (New Recovery Programme);**

**empresa social**, para **solucionar os problemas das pessoas**; não gera lucro pessoal para os investidores, apenas a recuperação do investimento inicial; lucros subsequentes devem ser reinvestidos na empresa;

Para nos defendermos do coronavírus, podemos trancar-nos em nossas casas, mas, se não dermos respostas adequadas às questões globais em constante agravamento, não teremos lugar para nos esconder da Mãe Natureza zangada conosco e das massas de pessoas zangadas em todo o planeta.

[<http://www.ihu.unisinos.br/598194-nao-vamos-voltar-ao-mundo-que-tinhamos-antes-entrevista-com-muhammad-yunus>]

► Textos em **O sentido do Dia da Terra**, no *site*

[<https://casacomum.pt/2020/04/27/o-sentido-do-dia-da-terra/>]

► A iniciativa **Economia de Francisco** que se está a preparar *on line*

[<https://agencia.ecclesia.pt/portal/economia-de-francisco-os-trabalhos-aceleram-em-ambiente-digital-mas-existe-a-saudade-do-abraco-c-video/>]

Tudo isto importa e ganha sentido se relemos ainda na *Laudato Si'*:

*Apesar disso, Deus, que deseja actuar connosco e contar com a nossa cooperação, é capaz também de tirar algo de bom dos males que praticamos, porque «o Espírito Santo possui uma inventiva infinita (§ 80).*

[Estas palavras são extraordinariamente motivadoras e conferem-nos uma responsabilidade que eu diria “sublime”. Pessoalmente, deixa-me estarecida a ideia de que o Criador é connosco que conta e, ainda por cima, põe, por assim dizer, ao nosso dispor um aliado inimaginável – o Espírito Santo com «uma inventiva infinita».

Mas isto não diz respeito apenas a cada pessoa individualmente. É um apelo, que em muitos casos deverá ser percebido como um puxão de orelhas (sempre transbordante de amor, sem dúvida) às comunidades eclesiais e grupos de crentes. Às vezes, intriga-me que não se note mais diferença onde os cristãos, como entre nós, estão tão impregnados no tecido social. Como fermento na massa ou sal na terra somos pouco eficazes... Temos de assumir com mais determinação o grande desafio que temos pela frente, porque, em particular num tempo como este, temos de estar comprometidos em dar forma a uma sociedade mais fraterna, que não deixa ninguém para trás, optando pelo “bem viver” na casa comum, numa relação de harmonia entre as criaturas e com o assombroso ambiente que nos está emprestado pelas gerações futuras.]

Antes de terminar, não posso deixar de lembrar a Manuela Silva e a frase que nos deixou no seu último escrito, “Ampliar as perguntas e ser coerente com as respostas”, de 1 de Outubro de 2019:

*Quem aceitou a proposta de Francisco de dedicar o mês de Setembro ao aprofundamento da Laudato Si’ e procurou fazer gestos de mudança com vista a uma conversão ecológica integral, tem agora a responsabilidade de levar por diante a reflexão e a correspondente acção.*

E concluo com mais uma citação da *Laudato Si’* que contém uma ideia que me é muito cara:

*E não se pense que estes esforços são incapazes de mudar o mundo. Estas acções espalham, na sociedade, **um bem que frutifica** sempre para além do que é possível constatar; provocam, no seio desta terra, um bem que sempre tende a difundir-se, por vezes invisivelmente. Além disso, o exercício destes comportamentos **restitui-nos o sentimento da nossa dignidade, leva-nos a uma maior profundidade existencial, permite-nos experimentar que vale a pena a nossa passagem por este mundo** (§ 212).*

Obrigada.

Rita Veiga